

Orientação Pedagógica n.º 007/2025 - Assessoria Pedagógica de Língua Portuguesa

Orienta a direção, a coordenação pedagógica e os docentes quanto aos encaminhamentos pedagógicos referentes ao componente curricular Língua Portuguesa.

A Secretaria Municipal de Educação (SME), no uso das atribuições que lhe são conferidas, orienta a direção, a coordenação pedagógica e os docentes quanto aos encaminhamentos pedagógicos referentes ao componente curricular Língua Portuguesa.

1. Quanto aos encaminhamentos pedagógicos referentes ao componente curricular Língua Portuguesa

Considerando as formações de língua portuguesa, realizadas na rede pública municipal de ensino entre os anos de 2019 e 2024¹, aborda-se a seguir metodologias e materiais pedagógicos necessários no processo de ensino e aprendizagem da leitura e escrita.

1.1 Quanto ao uso do alfabeto

É fundamental que o alfabeto seco e o alfabeto ilustrado, contendo os quatro tipos de letras (maiúsculas e minúsculas de imprensa, maiúsculas e minúsculas cursivas), sejam expostos na sala de aula. O alfabeto ilustrado precisa ser construído de forma colaborativa com os estudantes, conforme as sugestões encaminhadas no Plano de Ensino. A construção do alfabeto concreto precisa ocorrer quando a turma tiver estudantes no nível pictórico.

Esses materiais devem permanecer visíveis na sala de aula, permitindo que os estudantes os consultem sempre que necessário. Além disso, é importante realizar a atualização do alfabeto ilustrado sempre que apropriado, reconstruindo-o com a turma, com o objetivo de favorecer o desenvolvimento da percepção do valor sonoro das letras pelos estudantes.

¹ Orientações disponibilizadas pelo professor que ministrou a formação de língua portuguesa aos professores da rede municipal de ensino, entre 2019 e 2024.

1.2 Quanto à aquisição do sistema de escrita alfabética e ortográfica

A aquisição do sistema de escrita alfabética e ortográfica é um processo complexo que envolve tanto o reconhecimento das letras e seus sons (fonemas) quanto a compreensão das regras e convenções ortográficas que organizam a forma escrita da língua.

Quando falamos da aquisição da escrita alfabética, nos referimos ao momento em que o estudante ou aprendiz começa a associar fonemas (sons) às grafias das letras. Inicialmente, isso pode envolver a escrita de palavras de maneira fonética, ou seja, escrevendo as palavras como elas soam, sem considerar as regras ortográficas. Com o tempo, vai se apercebendo da necessidade de respeitar essas convenções para que a escrita seja compreendida por outros.

A aquisição da escrita ortográfica está ligada ao aprendizado das normas que determinam a forma correta de se escrever as palavras de acordo com as convenções da língua, como o uso de acentos, maiúsculas, e a diferenciação de homônimos (como "seção" e "sessão"). Esse processo envolve memorização, prática e o domínio das regras gramaticais da língua.

Em termos pedagógicos, o desenvolvimento da leitura e da escrita alfabética e ortográfica ocorre de forma gradual, com o estudante primeiro compreendendo os sons da língua e, em seguida, passando a associá-los à grafia correta das palavras. A intervenção dos professores, a prática constante e a exposição a textos escritos são fatores fundamentais nesse processo.

Trabalhar com estudantes a aquisição do sistema de escrita alfabética e ortográfica exige uma abordagem gradual, que leve em consideração o estágio de desenvolvimento de cada estudante e suas necessidades específicas. A seguir, são apresentadas algumas estratégias para favorecer o ensino e a aprendizagem do sistema de escrita alfabética e ortográfica, auxiliando no desenvolvimento da consciência fonológica e na apropriação do sistema de escrita alfabética e ortográfica.

1.2.1 Desenvolvimento da consciência fonológica

A consciência fonológica é a capacidade de reconhecer e manipular os sons da fala, habilidade fundamental para o processo de alfabetização. Ela permite que os estudantes associem os sons às letras, facilitando a compreensão do sistema de escrita alfabética.

Para desenvolver essa habilidade, podem ser utilizadas diversas estratégias, tais como:

- a) **Jogos de rimas:** Atividades com rimas e sons semelhantes ajudam a fortalecer a percepção dos fonemas, favorecendo a sensibilidade aos padrões sonoros da língua. A diferença entre **rima** e **som semelhante** está na relação sonora entre as palavras:

1. **Rima** ocorre quando duas ou mais palavras possuem os mesmos sons finais, a partir da última vogal tônica. Exemplo:

- Coração / Canção

- Brincar / Amar

2. **Som semelhante** refere-se a palavras que compartilham sons parecidos, mas que não necessariamente rimam. Isso pode ocorrer em diferentes partes da palavra.

Exemplo:

- Gato / Galo (sons iniciais semelhantes)
- Mesa / Moça (sons próximos, mas sem rima)

Toda rima tem sons semelhantes, mas nem todo som semelhante forma uma rima.

- b) **Divisão silábica:** Ensinar os estudantes a identificar e segmentar as palavras em sílabas, reconhecendo a quantidade total de sílabas e identificando a sílaba inicial, medial e final.
- c) **Segmentação e combinação de fonemas:** Atividades em que os estudantes analisam a estrutura sonora das palavras, separando-as em fonemas individuais (exemplo: "cachorro" → /k/, /a/, /ʃ/, /o/, /r/, /o/) e, posteriormente, combinando esses sons para formar novas palavras.

1.2.2 Exploração das letras e seus correspondentes sonoros

A exploração das letras e seus correspondentes sonoros consiste em estabelecer a relação entre letras (grafemas) e seus respectivos sons (fonemas), fundamental para o processo de alfabetização. Para isso, podem ser utilizadas diversas estratégias, como:

- a) **Atividades com letras móveis:** Permitir que os estudantes manipulem letras individuais para formar palavras, favorecendo a associação entre fonema e grafema de maneira concreta e interativa.
- b) **Cartões de letras:** Apresentar letras acompanhadas de imagens e palavras, proporcionando uma exposição visual e auditiva frequente aos sons correspondentes.
- c) **Ditado fonético:** Incentivar os estudantes a escrever palavras com base nos sons que ouvem, sem a exigência inicial da ortografia correta, priorizando a correspondência entre os fonemas e os grafemas.

Essas atividades auxiliam no desenvolvimento da consciência fonológica e fortalecem a base para a leitura e a escrita.

1.2.3 Regras ortográficas

Conforme os estudantes avançam no reconhecimento de letras e sons, torna-se essencial introduzir gradualmente as primeiras regras ortográficas. A seguir, algumas sugestões.

- a) **Correção progressiva:** Incentivar os estudantes a escreverem palavras com base na sua percepção sonora e, posteriormente, corrigir de forma gradual, explicando as convenções ortográficas para que compreendam a grafia correta.
- b) **Listas de palavras frequentes:** Apresentar e praticar a escrita de palavras de uso comum, especialmente aquelas que não seguem uma correspondência fonética regular (exemplo: "homem", "exame", "coração"), ajudando os estudantes a memorizá-las e utilizá-las corretamente.

Essas sugestões facilitam a transição do reconhecimento fonético para a escrita correta, de acordo com as normas ortográficas.

1.2.4 A prática de leitura e escrita

A leitura e a escrita são práticas indissociáveis que contribuem para o desenvolvimento da linguagem, tanto na forma oral quanto na escrita. Ao ler, o estudante entra em contato com uma variedade de gêneros, vocabulários e estruturas narrativas, o que enriquece seu repertório linguístico e fundamenta a produção escrita. Por outro lado, a escrita permite que o leitor internalize e articule os conhecimentos adquiridos durante a leitura. Assim, a leitura não apenas inspira a escrita, mas também a aprimora, enquanto a escrita materializa e amplia a compreensão dos textos lidos.

A seguir, algumas sugestões de prática de leitura e escrita.

- a) **Leitura em voz alta e escrita:** Peça aos estudantes que leiam textos em voz alta e, em seguida, reescrevam ou façam um resumo do que compreenderam. Isso ajuda a consolidar o entendimento e a expressar as ideias de forma escrita.
- b) **A hora da escrita:** Incentive os estudantes a registrar o que estão aprendendo por meio de histórias, resumos e diários. Isso promove o envolvimento com o conteúdo e estimula a prática da escrita de maneira significativa.

As atividades de leitura e escrita ampliam o vocabulário, a compreensão textual e proporcionam aos estudantes contato com diversas estruturas linguísticas. Além disso, contribuem para a organização das ideias, aprofundam a interpretação dos textos lidos e o aprendizado da ortografia e da gramática.

1.2.5 Foco na ortografia

À medida que a escrita alfabética se consolida, é essencial direcionar a atenção para a ortografia, garantindo que os estudantes compreendam e utilizem corretamente as convenções da língua. A seguir, algumas sugestões de atividades para ampliar o conhecimento ortográfico dos estudantes.

- a) **Ditados ortográficos:** Realize ditados com palavras que mobilizem os conhecimentos ortográficos dos estudantes. Essa prática estimula a análise cuidadosa das regras da língua, promove fixação da grafia correta e desenvolve autonomia no processo de escrita.
- b) **Listas de palavras desafiadoras:** Trabalhe com palavras que apresentam grafias irregulares ou seguem regras ortográficas específicas, incluindo acentuação e uso de consoantes silenciosas, que são letras que, embora façam parte da grafia de uma palavra, não são pronunciadas ou têm sua pronúncia atenuada na fala. Essas consoantes permanecem "ocultas" no som, servindo geralmente a propósitos históricos, etimológicos ou para manter a uniformidade ortográfica da língua. Por exemplo, na palavra "homem", a letra "h" é considerada silenciosa, pois não influencia a pronúncia. Essas características podem representar desafios no aprendizado da ortografia, já que o som nem sempre reflete integralmente a forma escrita da palavra.
- c) **Leitura e revisão de textos:** Incentive os estudantes a revisarem seus próprios textos após a escrita, identificando e corrigindo os desvios ortográficos.

1.2.6 Quanto à confecção coletiva de cartazes para sintetizar, ilustrar e registrar as hipóteses finais dos estudantes sobre a escrita alfabética e ortográfica

A confecção coletiva de cartazes é uma excelente estratégia para trabalhar a aquisição da escrita alfabética e ortográfica, pois promove a construção do conhecimento de forma colaborativa, reflexiva e significativa. Aqui estão algumas sugestões de como o professor pode conduzir essa atividade:

- a) Planejamento da atividade

Definir o objetivo: Estabeleça com a turma que o propósito do cartaz é sintetizar e registrar as hipóteses finais sobre o funcionamento da escrita alfabética e ortográfica.

Escolher o tema: Relacione o tema do cartaz com o conteúdo trabalhado, como correspondência entre sons e letras, regras de escrita, uso de dígrafos, acentuação ou padrões ortográficos.

- b) Início da confecção

Retomar hipóteses iniciais: Antes de começar, revise com os estudantes as hipóteses que levantaram ao longo das atividades anteriores sobre a escrita. Essa retomada ajuda a refletir sobre o que foi aprendido.

Promover discussões coletivas: Incentive os estudantes a compartilharem suas conclusões. Questione, por exemplo: "O que aprendemos sobre como representamos os sons da fala na escrita?"; "Quais regras ortográficas identificamos?" e "Quais dúvidas conseguimos resolver?"

1.2.7 Quanto à lista de nomes dos estudantes

É importante que a lista de nomes dos estudantes, construída com a turma com base nas sugestões enviadas no Plano de Ensino, esteja disponível na sala de aula. A construção dessa lista promove um senso de pertencimento, permitindo que os estudantes se sintam reconhecidos e parte do grupo.

Além disso, a lista de nomes dos estudantes tem uma grande importância no processo de alfabetização, pois oferece diversas oportunidades de aprendizagem do sistema de escrita alfabética e ortográfica. A seguir, algumas finalidades do trabalho com a lista de nomes dos estudantes.

1. **Reconhecimento das letras e nomes:** Ao observar e ler os próprios nomes e os dos colegas, os estudantes começam a reconhecer as letras, sons e a estrutura das palavras.
2. **Relacionamento entre letras e sons:** A lista permite que os estudantes estabeleçam conexões entre as letras e seus respectivos sons, um passo fundamental na alfabetização.
3. **Desenvolvimento da escrita:** Escrever ou copiar os nomes dos colegas na lista ajuda os estudantes a praticarem a caligrafia e a formatação das letras de forma significativa.
4. **Desenvolvimento da memória visual e auditiva:** Ler e escrever os nomes dos colegas favorece a memória visual (reconhecimento das palavras escritas) e auditiva (associação dos sons às letras), que são habilidades essenciais na aprendizagem da leitura e da escrita.
5. **Construção de identidade e pertencimento:** Quando as crianças veem seus nomes na lista, elas se sentem valorizadas e reconhecidas, o que fortalece a motivação para aprender.

Em síntese, a aquisição do sistema de escrita alfabética e ortográfica é um processo gradual e intrinsecamente relacionado, que se consolida por meio da prática contínua e da intervenção pedagógica adequada. Ao integrar atividades que estimulam a consciência fonológica, exploram as relações entre letras e sons, promovem a reflexão sobre as normas ortográficas e incentivam a prática da leitura e escrita, os estudantes se apropriam progressivamente do sistema de escrita alfabética e ortográfica. Nesse processo, reconhecem a língua como uma construção social e histórica, que se desenvolve e se transforma ao longo do tempo, refletindo as interações e as mudanças culturais, sociais e históricas de um grupo. Assim, a aprendizagem da escrita e da leitura se torna uma vivência contínua de apropriação de significados, fundamentada na perspectiva histórico-cultural.

1.3 Quanto ao traçado das letras de imprensa

No nosso sistema alfabético é possível se escrever a letra “A” maiúscula, por exemplo, de várias formas diferentes (A – A – A – A – A – A – A – A – A – A – A), logo ele é um sistema notacional.

O traçado das letras deve ser ensinado desde o início da alfabetização, para que o estudante aprenda a grafar a letra de maneira adequada ao sistema alfabético, não permitindo que “invente” traçados, nem que faça do jeito que bem desejar.

O estudante deve traçar a letra de maneira adequada, para não ficar com traçado equivocado. Utilize o caderno de caligrafia para auxiliar na (re)construção do traçado das letras, sempre realizando traçados em, no máximo, três linhas por vez.

Ao garantir que o aluno aprenda a escrever as letras de maneira adequada desde o início, o professor está estabelecendo as bases para a escrita legível. Não se trata apenas de ensinar a formar as letras, mas também de construir uma base sólida para que o estudante possa avançar na leitura e na escrita de forma mais autônoma e segura. Quando o aluno domina o traçado das letras de forma correta, ele ganha maior confiança e fluidez ao escrever, o que facilita a transição para a escrita mais complexa e a formação de palavras e frases.

1.4 Quanto ao traçado da letra cursiva

É fundamental retomar o ensino do traçado das letras cursivas. Para isso, incentive os estudantes a praticarem o traçado das letras na lousa, oferecendo orientação para que possam perceber e corrigir eventuais erros no formato das letras. Além disso, proporcione atividades de escrita no caderno de caligrafia, reforçando a importância de utilizar corretamente esse material. É essencial também revisar com os alunos a forma adequada de manusear o caderno de caligrafia.

No momento de registro das letras nas atividades, observe os estudantes no traçado e oriente-os para que não retirem o lápis da folha do caderno ao realizar o traçado da letra cursiva. Verifique se os estudantes têm dificuldade em traçar as letras com o lápis, oriente-os a desenhar a letra no ar ou na carteira somente com o dedo.

1.5 Quanto à legibilidade no uso da linha

A escrita do estudante que está em processo de alfabetização não pode ser do tamanho da linha, deve-se orientá-lo a diminuir a letra, para que ocupe o espaço certo da linha, construindo a legibilidade exigida. À medida que o estudante traça as letras dentro das linhas, ele aprende a controlar melhor o movimento da mão e a desenvolver precisão nos traçados. Isso contribui para a formação de letras mais limpas e legíveis. O uso das linhas auxilia na integração entre a visão e o movimento da mão, o que é crucial no processo de alfabetização. Ao tentar manter a letra dentro do espaço delimitado pelas linhas, o estudante exercita a percepção espacial e a coordenação motora.

O estudante precisa reconhecer os quatro tipos de letras normalmente trabalhados no material escolar. Cada tipo de letra tem uma característica visual distinta, e o estudante precisa reconhecer esses tipos para poder utilizá-los na leitura e na escrita ao longo de sua jornada de aprendizagem.

Os elementos notacionais que estão presentes na escrita, como espaços entre palavras, centralização do título, espaço no início do parágrafo, entre outros, devem ser ensinados ao estudante durante o processo de alfabetização de forma progressiva.

1.6 Quanto ao ditado e cópia

O ditado desempenha um papel fundamental no desenvolvimento da escrita e da leitura. No 1º ano, é indicado que tanto o ditado quanto a cópia sejam realizados com palavras paroxítonas, respeitando a acentuação natural da língua portuguesa. O ditado segue uma progressão gradativa, como nos exemplos a seguir.

GATO / O GATO

O GATO / O GATO É / O GATO É LINDO

3 a 5 palavras

5 a 9 palavras

Os olhos realizam sacadas de 5 a 9 palavras, incluindo artigos, preposições e conjunções. O ditado sempre precisa anteceder a cópia, que complementa o aprendizado do sistema de escrita alfabética e ortográfica. A cópia segue o mesmo processo em relação ao número de palavras ditadas.

Outra estratégia é transcrever o texto no quadro e treinar com o estudante o número de palavras que ele precisa copiar, indicando previamente essa quantidade. Algumas diretrizes importantes para a realização do ditado incluem:

- a) Ditar até 8 palavras por vez;
- b) No intervalo de 9 minutos, pode-se ditar mais 8 palavras;
- c) Incluir palavras de diferentes classes gramaticais;
- d) Realizar ditados diários, em momentos variados (início da aula, após o recreio, final da aula);
- e) Repetição frequente para reforçar leitura, escrita e compreensão textual.

A seguir, sugestões de atividades após o ditado.

1. Ordem alfabética: Organizar as palavras ditadas em ordem alfabética;
2. Destaque gramatical: Colorir sílabas para evidenciar prefixos e sufixos;
3. Completar frases e textos: Preencher lacunas em frases e pequenos textos;
4. Produção textual: Criar três frases com as palavras ditadas;
5. Ditado: Repetir as palavras ditadas no início.

A correção deve ser realizada no quadro para que os estudantes possam copiar e aprender. É recomendável repetir a palavra em voz alta e transcrevê-la no quadro, ajudando os estudantes a assimilarem tanto a ortografia quanto a estrutura textual correspondente ao ano escolar.

A materialização das dificuldades ortográficas que aparecem no ditado e na cópia deve ser acompanhada de conscientização por parte do estudante, com discussão sobre o porquê de ter errado e qual regra de ortografia há em jogo. A regra ortográfica deve sempre ser apresentada ao estudante e solicitada sua explicação, para que se observe seu aprendizado.

O uso de cruzadinhas também é um recurso pedagógico eficiente para que os estudantes se apropriem do sistema de escrita alfabética e ortográfica. Após completar a atividade, o estudante deve escrever a palavra correspondente, reforçando sua memorização e compreensão textual.

1.7 Quanto à produção de texto

Desde muito cedo, as crianças têm capacidade de produzir textos, mesmo sem domínio completo da leitura e da escrita. Elas utilizam desenhos, símbolos, rabiscos e outros meios para expressar ideias, emoções e histórias. Essa produção inicial é uma etapa importante no desenvolvimento da linguagem, pois incentiva a criatividade, a organização do pensamento e o desejo de se comunicar.

No 1º, 2º e 3º ano dos anos iniciais do Ensino Fundamental, o ensino da produção textual precisa ser pensado como um processo gradual e contínuo, respeitando o nível de desenvolvimento dos estudantes. É essencial criar ambientes ricos em estímulos, com propostas

que valorizem a oralidade, a criatividade e o uso de diferentes recursos visuais e táteis. O objetivo é despertar o interesse pela linguagem escrita, promover a interação entre os colegas e possibilitar que os estudantes expressem suas ideias, mesmo em fases iniciais do aprendizado da escrita.

O texto coletivo é uma prática essencial tanto no processo de alfabetização quanto na sua consolidação. Ele promove a construção conjunta de significados, permitindo que os estudantes compartilhem ideias e participem ativamente da reescrita ou criação de narrativas. Além disso, o texto coletivo é um espaço de mediação em que o professor atua como facilitador, ajudando os estudantes a compreenderem estruturas textuais, ampliando vocabulário e promovendo o diálogo em sala de aula.

No 4º e 5º ano dos anos iniciais do Ensino Fundamental, o ensino de produção de texto volta-se para a ampliação das habilidades de escrita, com ênfase na organização das ideias, no uso correto das normas da língua e na diversidade de gêneros textuais. Nessa etapa, os estudantes já possuem maior domínio da leitura e da escrita, o que permite explorar diferentes gêneros textuais das esferas da vida cotidiana, artístico-literária, práticas de estudo e pesquisa e vida pública.

É fundamental que o professor proponha atividades que considerem as condições de produção (o que escrever, como escrever, para quem e o porquê escrever) e conectem os textos ao cotidiano dos estudantes, despertando o interesse e tornando a escrita significativa. Além disso, o processo deve incluir etapas como planejamento, escrita inicial, revisão e reescrita, promovendo a percepção de que escrever é um trabalho contínuo.

Nos anos iniciais do Ensino Fundamental, a revisão e a reescrita desempenham um papel essencial no desenvolvimento das competências de produção textual. Esses processos ajudam os alunos a refletirem sobre sua escrita, aprimorando-a em aspectos como clareza, coesão, coerência e adequação ao propósito comunicativo.

1.7.1 Quanto à revisão e reescrita de textos

Desde o 1º ano do Ensino Fundamental, mesmo com textos iniciais e rudimentares, os estudantes devem ser incentivados a pensar sobre *o que escrever*. As produções podem começar com narrativas simples, listas, bilhetes ou textos que dialoguem com experiências cotidianas. Com o tempo, a diversidade de gêneros textuais, como poemas, cartas, relatos e textos informativos, deve ser introduzida, sempre alinhada aos interesses e ao contexto das crianças.

À medida que avançam, os alunos começam a compreender *como escrever*. Isso envolve escolher palavras apropriadas, organizar as ideias de forma lógica e utilizar elementos gramaticais adequados. Nesse momento, a revisão é essencial para identificar erros ou

inconsistências, enquanto a reescrita oferece a oportunidade de reestruturar e enriquecer o texto, promovendo o desenvolvimento e aprendizagem.

Para quem escrever é outro aspecto que deve ser trabalhado. Saber que um texto será lido por colegas, familiares ou pela comunidade escolar dá sentido ao ato de escrever. Essa consciência estimula os estudantes a pensarem em como adaptar a linguagem, o tom e o conteúdo às necessidades e expectativas do público-alvo.

Finalmente, o *porquê escrever* é uma questão central ao longo do processo. Os estudantes precisam compreender que a escrita tem múltiplas finalidades: comunicar ideias, expressar emoções, informar, entreter, entre outras. Dar a eles objetivos claros para cada produção torna a prática significativa.

Do 1º ao 5º ano, a revisão e a reescrita devem ser vistas como ferramentas de aprendizagem, e não como momentos de correção punitiva. Com o apoio do professor, os estudantes desenvolvem a capacidade de avaliar suas próprias produções e percebê-las como trabalhos em constante evolução. Assim, eles não apenas aprendem a escrever melhor, mas também reconhecem o poder transformador da escrita em sua formação pessoal e social.

1.8 Quanto à resposta completa nas questões argumentativas

A organização do pensamento de um estudante está diretamente relacionada ao grupo social ao qual ele pertence. Quando a comunicação na sala de aula é estruturada, com pensamentos completos tanto na oralidade quanto na escrita, essa prática se torna essencial para o desenvolvimento do estudante. A resposta, seja na fala ou na escrita, deve ser sempre completa para que o estudante aprenda a organizar seu pensamento de maneira mais ampla, desenvolvendo habilidades de expressão tanto verbal quanto escrita.

Estudantes que apresentam uma boa organização e expansão no pensamento, seja na fala ou na escrita, demonstram maior facilidade para aprender a resumir ideias de forma concisa. Essa capacidade é crucial, pois prepara o estudante para o aprendizado de conteúdos mais complexos nos anos seguintes, facilitando a transição para conteúdos e habilidades mais avançadas.

Uma resposta completa exige que o estudante retome o tema da pergunta — seja ele proposto pelo professor ou extraído do material didático — como ponto de partida para sua argumentação. Isso funciona como um elo que mantém a comunicação clara e focada. Ao seguir esse processo, o estudante aprende a organizar seu pensamento final de maneira estruturada, resultando em uma resposta mais coesa e bem desenvolvida, demonstrando a evolução na produção do seu texto.

1.9 Quanto à leitura

1.9.1 Aspectos conceituais da prática de leitura

A leitura é composta por quatro etapas: decodificação, compreensão, interpretação e retenção. A **decodificação** refere-se à habilidade de reconhecer e interpretar os símbolos gráficos da escrita, associando-os aos sons da língua. Para isso, é necessário que o leitor compreenda as relações entre grafemas e fonemas, conheça o alfabeto e desenvolva a fluência na leitura. Esse processo inclui o reconhecimento de padrões gráficos, como sílabas e palavras, além da diferenciação entre letras, símbolos e desenhos. A **compreensão** está relacionada à capacidade de extrair sentido do texto, indo além da simples identificação de palavras. Envolve a interpretação do significado das palavras e frases dentro de um contexto, permitindo que o leitor construa conhecimento a partir do material lido. Para que a leitura seja efetiva, ambos os processos devem estar integrados: a decodificação eficiente facilita a compreensão, enquanto a compreensão motiva e orienta a leitura. A **interpretação** permite ao leitor estabelecer conexões entre o texto e seus conhecimentos prévios, ampliando seu entendimento. Já a **retenção** refere-se à capacidade de armazenar informações obtidas na leitura, favorecendo sua utilização em contextos futuros (MENEGASSI, 2010)².

O desenvolvimento dessas etapas ocorre gradualmente, desde a alfabetização até o domínio avançado da leitura. Estratégias pedagógicas, como jogos com sílabas, caça-palavras e leitura incidental (aquela que ocorre de maneira espontânea, sem um ensino formal ou intenção explícita de aprendizado. É quando uma pessoa reconhece palavras e frases no ambiente ao seu redor, como em placas, rótulos, logotipos e embalagens, antes mesmo de ser plenamente alfabetizada. Esse tipo de leitura contribui para o desenvolvimento da fluência e do reconhecimento global de palavras, facilitando a alfabetização), auxiliam na construção do conhecimento fonológico e ortográfico. Ao longo do tempo, os leitores aprendem a reconhecer palavras globalmente, a compreender a estrutura da escrita e a interpretar textos de diferentes gêneros.

Dessa forma, a leitura não é apenas um ato mecânico de decifração de letras, mas um processo cognitivo complexo que envolve aprendizado contínuo, essencial para a comunicação e o desenvolvimento humano.

1.9.2 Prática de leitura para desenvolver a fluência e compreensão

² MENEGASSI, Renilson José. **O leitor e o processo de leitura**. In: GRECO, Eliana Alves; GUIMARÃES, Tânia Braga (Orgs.). *Leitura: compreensão e interpretação de textos em Língua Portuguesa*. Maringá: EDUEM, 2010, p.35-59.

A leitura em voz alta, realizada tanto pelo professor quanto pelos estudantes, é uma prática importante para o desenvolvimento de habilidades linguísticas. Ela promove não apenas a fluência de leitura, mas também a compreensão, a escuta ativa e o gosto pela leitura. Ao planejar e conduzir a leitura em voz alta de forma estruturada, o(a) professor(a) cria um ambiente de aprendizagem dinâmico, envolvente e significativo, estimulando a curiosidade e o prazer pela leitura nos alunos.

Uma maneira de incentivar essa prática é o uso do **caderno de leitura**. Ao registrar as leituras feitas em voz alta, os estudantes podem acompanhar seu progresso e refletir sobre suas práticas. Mais importante ainda, ao ler para alguém – seja um colega da turma, um estudante de outra turma, um membro da família, a professora ou até mesmo os gestores da escola – o estudante amplia o impacto da leitura e se sente motivado a melhorar cada vez mais. O momento de compartilhar a leitura fortalece a confiança do estudante e promove a interação social por meio da leitura, incentivando o interesse por novos textos e temas.

Para os estudantes do **1º, 2º e 3º ano**, a ênfase na leitura em voz alta concentra-se no desenvolvimento da fluência inicial. Nessa fase, o objetivo é ajudar os estudantes a se familiarizarem com o processo de leitura, trabalhando na precisão da pronúncia, na entonação básica e na compreensão de palavras simples. É importante que o professor leia em voz alta de maneira expressiva, para que os estudantes percebam a diferença entre as palavras e suas variações de significado, com foco na construção de um repertório oral que favoreça o processo de leitura.

Nos **4º e 5º anos**, a prática da leitura em voz alta continua sendo crucial, mas com ênfase no aprimoramento da fluência. Nessa fase, o foco deve se expandir para o aprimoramento da entonação mais complexa, a expressão de emoções ao ler e a compreensão do conteúdo mais profundo do texto. É importante que os estudantes, ao realizar a leitura, reflitam sobre o significado de palavras e frases, discutindo e questionando a interpretação do texto, o que contribui para o desenvolvimento de habilidades cognitivas e de análise crítica.

Além de ler em voz alta, é possível desenvolver a prática de **leitura após a leitura**, onde o estudante revisita o texto com um olhar mais atento. Ao reler, ele busca identificar detalhes que podem ter passado despercebidos na primeira leitura. O professor pode propor questões que estimulem a reflexão, como: “O que mais você percebeu ao reler o texto?” ou “Que informações adicionais você conseguiu compreender na segunda leitura?”. Essa prática não apenas melhora a memória e a compreensão do texto, mas também estimula o pensamento crítico, desafiando o estudante a ir além da leitura superficial.

Além disso, é essencial proporcionar momentos de **leitura silenciosa** para que os estudantes explorem livros e textos que despertam seu interesse. O papel do(a) professor(a) é criar um ambiente calmo e acolhedor, oferecendo uma variedade de materiais que atendam aos

diferentes gostos e necessidades dos estudantes. Durante esses momentos, os estudantes têm a oportunidade de se aprofundar na leitura e estimular o prazer pela descoberta de novos conteúdos, o que contribui para o desenvolvimento de um hábito de leitura contínuo e prazeroso.

Portanto, a prática da leitura em voz alta, combinada com o uso do caderno de leitura e a leitura silenciosa, é fundamental para o desenvolvimento integral da fluência e compreensão leitora. Ela deve ser adaptada às diferentes faixas etárias, com ênfases específicas para cada etapa, mas sempre com o objetivo de envolver os estudantes de forma significativa.

1.10 Quanto às correções no caderno do estudante

Atribua a avaliação de "certo" apenas quando a escrita estiver realmente corrigida e dentro dos padrões da norma culta. Até que os erros sejam completamente corrigidos, evite atribuir qualquer tipo de avaliação. Quando a escrita não estiver correta, não se deve considerar um "meio certo", pois isso sugere que a escrita parcial ou incompleta está aceitável. O "meio certo" pode levar o estudante a acreditar que é suficiente continuar escrevendo de maneira incorreta, o que prejudica o processo de aprendizagem.

O professor, ao ensinar o estudante a ter legibilidade em seu caderno, deve garantir que a correção seja clara e direta. Ao corrigir, os apontamentos devem ser feitos de forma reta, abaixo da escrita do aluno, com lápis preto ou vermelho. O professor deve sempre agir como um suporte para o estudante, permitindo que ele apague os erros e reescreva de maneira correta.

Os equívocos e erros devem ser apontados abaixo da palavra ou trecho incorreto, com destaque (como sublinhado ou círculo), para que o aluno possa identificá-los e corrigir. A correção deve ser feita de forma que ajude o estudante a perceber o erro e a ajustar sua escrita, sem prejudicar a legibilidade do texto original.

Além disso, as correções do professor devem ser feitas à direita da página, no final da linha, de maneira organizada, para evitar que a correção interfira diretamente no texto do estudante e para garantir que o processo de correção seja claro e eficaz. Somente após esses ajustes, pode-se atribuir uma avaliação ou valoração ao trabalho do aluno.

1.11. O uso do caderno como recurso mnemônico³: organização e aprendizagem do estudante

³ Segundo Lev Vygotsky (1998), o termo mnemônico está relacionado ao uso de ferramentas mediadoras para auxiliar a memória e o aprendizado. Para o autor, a memória não funciona isoladamente, mas é ampliada pelo uso de ferramentas culturais e sociais que auxiliam na aprendizagem e no desenvolvimento cognitivo. VIGOTSKI, Lev Semenovich. A formação social da mente. 6.ed. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1998. 191 p.

Os aspectos pedagógicos do uso do caderno pelo estudante são fundamentais para o desenvolvimento da autonomia e da organização no processo de aprendizagem. Mais do que um simples repositório de anotações, o caderno é uma ferramenta essencial para a construção do conhecimento, permitindo que o estudante registre suas descobertas, reflita sobre os conteúdos e acompanhe seu próprio progresso.

Para que esse recurso seja utilizado de maneira eficaz, é essencial que o professor oriente os estudantes sobre a importância da organização, da legibilidade e da estruturação das informações. Práticas como datar as atividades, elaborar resumos e esquemas, bem como a revisão periódica dos conteúdos, tornam o aprendizado mais significativo e duradouro.

Além disso, ao acompanhar o uso do caderno, o(a) professor(a) possibilita a identificação de dificuldades individuais, permitindo intervenções pedagógicas promovam a aprendizagem dos estudantes.

1.12. Margem no caderno

O uso correto da margem no caderno desempenha um papel essencial na organização do espaço escrito, além de auxiliar no desenvolvimento da lateralidade e no respeito a limites e regras de escrita. Para que esse aprendizado seja eficaz, é fundamental que o próprio aluno trace as margens, exercitando sua percepção espacial e sua autonomia na organização da página.

Nos primeiros traçados, caso o estudante cometa erros, recomenda-se que não apague a margem desenhada incorretamente. Em vez disso, deve-se orientá-lo a escrever sobre ela, permitindo que perceba o equívoco e aprenda gradativamente a ajustá-lo. Para aqueles que apresentam dificuldades na organização da folha, uma estratégia eficaz é traçar as quatro margens do caderno, criando um enquadramento. Esse suporte pode ser retirado aos poucos, à medida que o aluno desenvolve maior sistematização e segurança no uso do espaço gráfico.

As margens podem ser feitas com cores variadas, tornando o processo mais visual e estimulante. Nos dois primeiros anos do ensino fundamental, a utilização das margens auxilia na fixação da lateralidade. Já no terceiro ano, espera-se que o estudante consiga organizar sua escrita sem a necessidade desse recurso, consolidando sua percepção espacial e sua autonomia na página.

Ao final do primeiro ou segundo ano, se o aluno já demonstrar domínio sobre a organização da margem, recomenda-se a retirada gradual da margem direita, permitindo que ele desenvolva sua escrita com maior independência. Vale destacar que, segundo a Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), não há exigência formal para a presença da margem direita. No entanto, no contexto escolar, ela é utilizada como um apoio pedagógico para aprimorar a legibilidade e a lateralidade dos estudantes.

Dessa forma, o ensino do uso da margem no caderno não é apenas uma questão estética, mas uma estratégia pedagógica que contribui para a organização do pensamento, a clareza da escrita e o desenvolvimento da percepção espacial dos estudantes.

1.13. Espaços em branco no caderno

Os espaços em branco entre as atividades devem ser reduzidos, evitando que grandes áreas da página fiquem sem nenhuma atividade. É importante que o estudante utilize todo o espaço disponível, sem deixar páginas em branco. Também não se deve permitir que o estudante termine uma atividade no meio da página e comece a próxima sem preencher o restante do espaço, o que prejudica a organização do caderno.

É fundamental ensinar ao estudante que o caderno deve ser tratado com respeito, como uma matéria-prima, e que o espaço precisa ser aproveitado de forma eficiente. A ideia é que o estudante entenda que não pode simplesmente fazer o que deseja no caderno, mas deve seguir as orientações fornecidas. Isso faz parte do processo de aprendizagem sobre como lidar com limites e como se comportar de maneira adequada ao usar o caderno.

Quando for necessário colar uma folha maior do que o espaço disponível na página, deve-se dobrá-la para que se ajuste ao espaço, sem comprometer a organização. Caso reste muito espaço em branco (como $1/3$ ou $1/4$ da página), a folha deve ser dobrada de forma que ocupe esse vazio, e a atividade que estiver na folha será realizada fora do caderno, se necessário.

Além disso, ao colar a folha, ela deve ser posicionada na mesma direção da página, ou seja, verticalmente. Se a folha for maior que a página do caderno, deve ser dobrada de maneira a respeitar as margens, evitando que ultrapasse os limites da folha.

Por fim, ao oferecer atividades como completar, ditado ou cópia, que costumam ser organizadas em colunas, é importante ensinar o estudante a distribuir as respostas em duas ou mais colunas, aproveitando melhor o espaço da página. Isso contribui para a organização e otimização do caderno.

1.14. Uso de lápis e canetas coloridas

O lápis é a ferramenta ideal para a escrita dos estudantes até o 5º ano, pois desempenha um papel fundamental no processo de aprendizagem da língua. Ele permite que o estudante compreenda que a escrita envolve revisões e correções, tornando natural o ato de apagar e reescrever. Essa prática auxilia no desenvolvimento da consciência de que o texto está em constante construção e que os ajustes fazem parte da evolução da escrita. Além disso, o uso do lápis ajuda o estudante a perceber que a escrita deve ser clara e compreensível para um interlocutor, reforçando a necessidade de organização e legibilidade.

A caneta começa a ser introduzida no 5º ano e deve ser reservada para situações específicas, como a cópia de perguntas ou a entrega de textos finais, nos quais não haverá necessidade de correção. Quando utilizadas, as canetas coloridas devem ter um propósito pedagógico bem definido e seu uso deve ser orientado pelo(a) professor(a), garantindo que o estudante as empregue de maneira adequada e funcional.

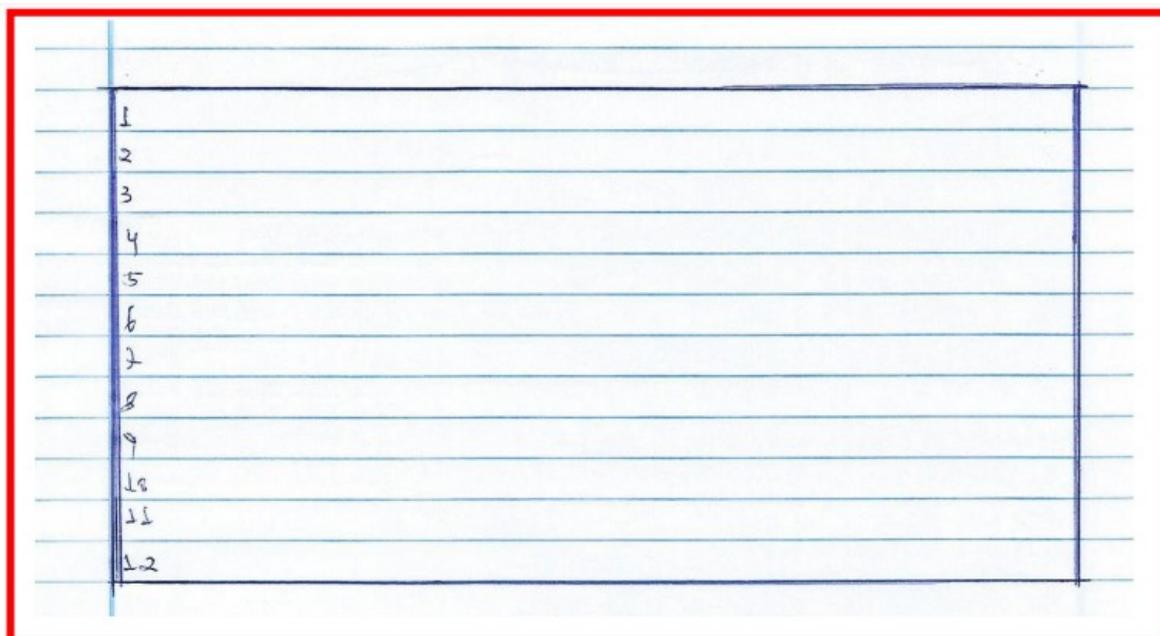
Ao estabelecer esses critérios, a escola auxilia no desenvolvimento da escrita com mais autonomia, consciência e responsabilidade, preparando o estudante para o uso progressivo da caneta de forma apropriada ao longo de sua jornada escolar.

1.15. Ilustração

O espaço que o estudante vai utilizar para fazer a ilustração de um texto, ou parte dele, precisa ser determinado pelo(a) professor(a). O espaço determinado para a educação infantil é de meia folha de caderno, porém, esse espaço precisa ser reduzido progressivamente, até que ocupe $\frac{1}{4}$ de uma folha sulfite, equivalente a 12 linhas.

Ao chegar no 1º ano, o espaço que o estudante deverá utilizar será de 12 linhas. O estudante não pode fazer o desenho do tamanho que quiser. É preciso ensiná-lo a diminuir o tamanho da ilustração. Para isso, é importante diversificar a proposta do espaço da ilustração, diminuindo a cada dia, até que o estudante encontre a quantidade de linhas que precisa, normalmente entre 12 a 4 linhas. Quando encontra a quantidade de linhas que precisa, também define o tamanho da letra, por isso, a necessidade de ilustrar textos multissemióticos e outros textos apenas verbais.

Exemplos de diversificação de espaço determinado para ilustração, com redução de forma progressiva.



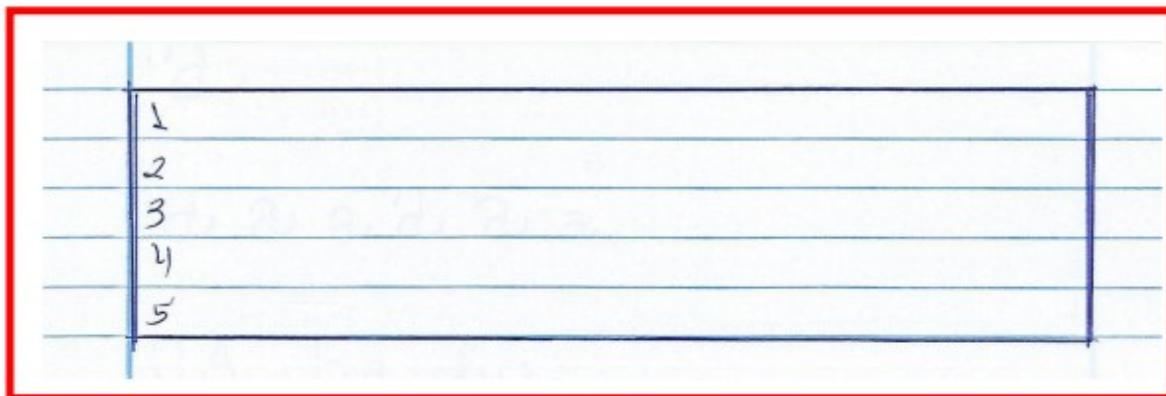
1º espaço para ilustração – 12 linhas



2º espaço para ilustração – 9 linhas

3º espaço para ilustração – 8 linhas

4º espaço para ilustração – 6 linhas



5º espaço para ilustração – 5 linhas

Desde o 1º ano, as ilustrações precisam ser feitas sempre no formato vertical da folha, não deve ser permitido que o estudante vire a folha de forma horizontal para realizar o desenho. Nos dois primeiros anos, é comum que os estudantes desenhem no final da página, na parte inferior, como se estivessem representando o “chão”. Para evitar isso, oriente o estudante a traçar o enquadramento no caderno, desenhando as margens que irão delimitar a área onde ele pode ilustrar, garantindo que o desenho seja centralizado e organizado.

O desenho livre, quando realizado, deve ser constantemente acompanhado pelo(a) professor(a), que deve circular entre as carteiras para verificar se os elementos trabalhados nas aulas estão sendo refletidos na ilustração. Isso inclui verificar se o desenho contém personagens, espaços, tempos e ações que permitam compreender o que está sendo narrado. Na prática, não há realmente um “desenho livre” na sala de aula, mas sim um desenho orientado, no qual o estudante segue direções específicas.

Por fim, o desenho livre, quando permitido, deve ser feito no final do caderno ou em uma folha separada, para evitar que interfira na sequência das atividades do caderno, mantendo a organização e a clareza nas tarefas.

1.16. Linguagem padrão

A utilização da linguagem padrão em sala de aula é fundamental para o processo de aprendizagem, pois ela garante que os estudantes adquiram uma comunicação clara, coerente e adequada ao contexto acadêmico e social. O(A) professor(a), ao empregar a linguagem padrão, serve como modelo para os estudantes, ajudando-os a compreender as normas gramaticais e a importância de uma comunicação eficaz, tanto na oralidade quanto na escrita.



A linguagem padrão, que segue as normas estabelecidas pela gramática, deve ser empregada nas interações diárias com os estudantes, seja em explicações, comentários, orientações ou em qualquer tipo de interação verbal. Isso não significa que o professor deva utilizar um vocabulário excessivamente formal ou distante da realidade dos estudantes, mas sim adaptar a linguagem de acordo com o nível de compreensão dos estudantes, sem perder a clareza e a correção.

Além disso, ao utilizar a linguagem padrão, o professor facilita a expansão do vocabulário dos estudantes e promove o desenvolvimento de suas habilidades linguísticas, como a construção de frases mais complexas, o uso adequado de tempos verbais, a coesão e a coerência textual. Isso contribui para a formação de cidadãos capazes de se expressar com clareza, tanto na vida acadêmica quanto na vida cotidiana.

O uso da linguagem padrão em sala de aula é uma ferramenta essencial para o desenvolvimento da competência comunicativa dos estudantes, ajudando-os a se apropriar das normas linguísticas, e preparando-os para o uso adequado da língua em diferentes contextos.

Umuarama, 24 de janeiro de 2025.
Secretaria Municipal de Educação